

OS CEM ANOS DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO

Marly Vianna¹

Resumo: O presente artigo apresenta a trajetória da Rússia contemplando a Dinastia dos Romanov, a Revolução de 1905, as agitações e a Revolução socialista de 1917. São analisados os decretos estabelecidos depois da Revolução de 1917, a guerra civil e seu término. O artigo finaliza com a ascensão de Stalin.

Palavras-chave: Dinastia Romanov; Revolução de 1905; Revolução de 1917.

Abstract: This article presents the trajectory of Russia contemplating the Romanov Dynasty, the Revolution of 1905, the agitations and the Socialist Revolution of 1917. The decrees established after the Revolution of 1917, the Civil War and its ending are analyzed in this article. The article ends with Stálin's ascension.

Keywords: Romanov Dynasty; Revolution of 1905; Revolution of 1917.

1917 – DE FEVEREIRO À GUERRA CIVIL

A dinastia dos Romanov durava havia três séculos, desde 1613. O último tzar da dinastia, Nicolau II, considerava seu poder absoluto e administrava o império autocraticamente. Papel importante nos acontecimentos do final da dinastia teve a tzarina, Alecssandra, neta da rainha Vitória. Consta que um dia a rainha Vitória lhe disse que governar era difícil e seria preciso cultivar e fortalecer o amor dos súditos, ao que Alecssandra teria respondido:

A senhora está equivocada, querida avó. A Rússia não é a Inglaterra. Aqui não precisamos ganhar o amor do povo. O povo russo reverencia seus tzares como se fossem divinos. (..) No que diz respeito à sociedade de Petersburgo isso se pode esquecer totalmente. (MONTEFIORI, 2016, p. 627)

A Rússia era governada a ferro e fogo. Com a industrialização já avançada, a situação da classe operária era de miséria e nenhum direito. Politicamente, além de toda a autocracia, os tzares caíram sob a influência do místico charlatão Grigori

¹ Doutora em História pela USP. Professora aposentada pela Universidade Federal de São Carlos. Atualmente é professora da pós-graduação da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

Rasputin, que chegou a demitir e a nomear ministros. Rasputin era idolatrado pela família imperial, pois conseguia acalmar o *tzarevitch* Alexis, em suas crises devido à hemofilia. Havia também uma política de russificação e um antissemitismo brutal, que inventava inúmeros motivos para realizar *progroons*. Na Páscoa de 1903, por exemplo, houve um deles em Kichiniev, capital da Bessarábia, e aprovando-o, disse Nicolau: “Foram baionetas e não diplomatas que fizeram a Rússia e os problemas do Oriente Médio devem ser resolvidos a baionetas e não com canetas” (MONTEFIORI, 2016, p. 637)

O chamado domingo sangrento – 9 de janeiro de 1905 – foi o dia em que centenas de trabalhadores e suas famílias, endomingados, dirigiam-se pacificamente ao czar, levando-lhe algumas reivindicações. A brutal repressão desencadeada sobre eles, com centenas de mortos, provocou o primeiro grande abalo à dinastia Romanov. Operários, camponeses e trabalhadores pobres se rebelaram durante mais de um ano, em muitas regiões do país, protestando de armas nas mãos contra o czarismo. Apesar da derrota e da repressão que se seguiu, foi um grande aprendizado político para o povo. Da revolta surgiu a inovadora forma de organização política que foram os sovietes, forma de organização e de governo adotada mais tarde pela revolução de 1917.

O czar, cuja autoridade fora abalada, precisava não só usar da repressão, mas fazer concessões, às quais sempre resistiu. Apesar disso, Nicolau assinou, em agosto de 1905, a criação de um parlamento, a Duma, que seria eleita por sufrágio quase universal. Mas as concessões duraram pouco, a repressão foi violenta e os rebeldes foram dizimados. O czar aconselhou a um subordinado em Kiev: “Faça com que os revoltosos sejam aniquilados e suas casas incendiadas” (MONTEFIORI, 2016, p. 659). Houve mais de 15 mil mortos e 45 mil deportados. (MONTEFIORI, 2016, p. 600) *Progroons* mataram mais de 80 judeus em Odessa e três mil de Vilna a Kicheniev. Criou-se a União do Povo Russo, que tinha como divisa “Tzar, fé e pátria”, uma ala direitista das milícias Centúrias Negras, nacionalistas brutais que perseguiam os

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

revolucionários e exterminavam judeus. Nicolau foi membro honorário delas. (MONTEFIORI, 2016, p. 660)

A primeira Duma não durou muito. Era composta por grande número de liberais constitucionalistas e o tzar opunha-se – e se opôs até o fim – a uma Constituição. Uma segunda Duma reuniu-se em fevereiro de 1907 e contava com 118 socialistas, pois Lênin (Vladimir Ilitch Uliânov) e Yuri Martov apoiaram a participação nela. Nicolau e seu ministro Piotr Stolypin exigiram a saída de todos os socialistas da Duma e como não conseguiram seu intento fecharam-na em junho e prenderam seus membros considerados extremistas.

Uma terceira Duma, que durou até 1912, era composta por nobres, empresários e tinha a maioria dos que foram chamados de outubristas, aqueles que apoiavam uma autocracia semiconstitucional, em que todos os membros do governo teriam que ser russos.

Tentando situar as diversas forças políticas, pode-se dizer que à extrema direita estava a União do Povo Russo; os outubristas formavam a centro-direita; parte dos liberais que rejeitava o Manifesto de Outubro era composta por uma burguesia radical que constituiu os democratas constitucionalistas – os *kadets* – KD, que seriam uma centro-esquerda. Antigos socialistas revolucionários formaram os *trudoviques* (trabalhistas), entre eles Alecsander Kerenski, uma chamada esquerda em que se colocavam também os social-democratas mencheviques; na extrema esquerda estavam os socialistas revolucionários, os anarquistas e os social-democratas bolcheviques.

Ligados aos anarquistas estavam os populistas do *Naródnaia Vólia* (Vontade do Povo), conhecidos como *naródnik*. Outros populistas militavam no grupo Terra e Liberdade e acabam por se ligar ou aos mencheviques ou aos bolcheviques. Os mais atuantes eram os social-democratas (bolcheviques e mencheviques), os anarquistas e os socialistas revolucionários.

Apesar da repressão que se seguiu à derrota da revolução de 1905, a atividade política na Rússia aumentara muito depois daquele ano. Os grupos citados acima – a

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

esquerda, na maior parte do tempo, atuando na clandestinidade – pleiteavam reformas e se posicionavam contra o absolutismo, aceitando uma monarquia constitucional. A maioria deles participou de fevereiro de 1917 e apoiou a República. Esta, evidentemente, era um grande avanço em relação à autocracia czarista, o que levou a que muitos dos que se posicionavam à esquerda, inclusive boa parte dos bolcheviques, considerassem ser mais correto consolidar a república liberal burguesa do que tentar avançar. Foi a genialidade de Lenin que impediu o erro.

Em fevereiro de 1917 eclodiu na Rússia a revolução que acabou com os trezentos anos da dinastia dos Romanov. Foi um movimento que merece ser mais estudado e mais conhecido pela importância de ter desencadeado os acontecimentos que culminaram com a revolução soviética de outubro daquele ano.

A Rússia czarista entrara na guerra desde seu começo, em fins de julho de 1914. Apesar de algumas vitórias, eram maiores os reveses que o Exército russo vinha sofrendo, devido às suas tropas mal equipadas e mal preparadas para a guerra. Contam-se aos milhões as vítimas russas da carnificina – cerca de dois milhões de mortos, muito maior número de feridos e mutilados e outros tantos feitos prisioneiros. As deserções que aumentavam a cada dia.

Diante de tal situação, calamitosa, no final de 1916 o czar Nicolau II resolveu assumir a chefia do exército, e o comando do Estado ficou nas mãos da zarina Alecsandra, profundamente influenciada pelo místico charlatão Grigori Rasputin. A situação da população russa, que já era péssima, piorou muito, assim como a insatisfação, que cresceu. O desabastecimento era geral, a carestia terrível, a exploração da força de trabalho aumentara brutalmente e era principalmente sobre os ombros das mulheres que pesava essa carga, a cada dia mais insuportável. Com a mobilização militar, a mão de obra feminina foi chamada a suprir as fábricas e eram elas, as mulheres, as responsáveis por alimentar a família. Principalmente, eram seus filhos, maridos, pais e irmãos que estavam sendo massacrados nos inglórios campos de batalha. E foram elas as primeiras a ir às ruas, dando início ao processo revolucionário.

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

No dia 18 de fevereiro de 1817 entraram em greve os operários da fábrica *Putílov*, em Petrogrado², na qual as mulheres eram a grande maioria. A greve foi total e outras fábricas começaram a parar, num grande movimento de solidariedade operária. No dia 23 de fevereiro, justamente no Dia Internacional das Mulheres (a Rússia usava o calendário Juliano, que tem 13 dias de diferença para o atual e nosso, o calendário gregoriano), comícios e motins de rua se avolumavam. No dia 27, o Palácio Tauride, sede da Duma, foi invadido pela multidão, em grande parte composta por mulheres.

No dia 28, com a população dominando já a cidade e com medo que a movimentação popular avançasse, o czar abdicou, deixando o trono a seu irmão, o grão-duque Miguel Romavov, que não aceitou o cargo. Foi então proclamada a República e estabelecido um governo provisório, tendo como primeiro ministro o príncipe Georgui Lvov, constitucionalista, e como ministro do Interior e logo depois da Guerra o deputado socialista Alecsander Kerenski.

Em oposição ao governo provisório formou-se outro poder, o Sóviet de Petrogrado –, aquela forma de poder popular surgida em São Petersburgo, na Revolução de 1905. Era uma dualidade de poderes.

Discutir o significado da Revolução de Fevereiro é bastante atual, como o foi na época: até onde o movimento popular revolucionário deve e pode avançar? Fevereiro de 1917 foi uma revolução que levou a um governo liberal burguês e a maioria dos revolucionários da época acreditava que a República burguesa deveria ser consolidada antes que se avançasse rumo ao socialismo.

A revolução de fevereiro, inicialmente antiguerreira e, por consequência, anti-tzarista, teve um caráter original pela atuação popular e pela condução que os bolcheviques deram ao movimento. Estes consideraram a situação objetivamente revolucionária, levaram em conta a dualidade de poderes e se negaram a aceitar que o

² A cidade foi fundada em 1703, por Pedro, o Grande, com o nome de São Petersburgo. Em 1914, pela guerra contra a Alemanha, o nome, com origem germânica, foi mudado para Petrogrado. Em 1924, depois da morte de Lenin, passou a ser Leningrado. Com o fim do socialismo, voltou-se ao nome original de São Petersburgo.

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

movimento revolucionário fizesse uma pausa, dirigindo-o, sem etapas, ao socialismo. Fevereiro foi uma revolução popular e democrática que levou à República Liberal Burguesa e que, pela condução política dos bolcheviques, avançou para o socialismo.

AS TESES DE ABRIL

As Teses de Abril são como que a “certidão de nascimento” da Revolução Russa. Elas foram decisivas para resolver uma questão fundamental que se colocava para os revolucionários – bolcheviques, mencheviques, anarquistas e social revolucionários: apoiar o governo provisório, consolidando uma República liberal burguesa – sem dúvida um imenso avanço em relação ao tzarismo – ou avançar rumo ao socialismo?

Lida ainda no vagão do trem, ao chegar à Estação Finlândia, Lênin defendia:

tese 1: nenhuma concessão deveria ser feita ao que chamou defensismo revolucionário, não ter a coragem de avançar no movimento revolucionário que as massas impulsionavam; tese 2: o momento político pelo qual a Rússia passava caracterizava-se pela passagem da primeira etapa da revolução, que acabara com o tzarismo e dera o poder à burguesia, para às mãos do proletariado e dos camponeses pobres; tese 3: nenhum apoio deveria ser dado ao governo provisório; tese 4: Lenin dizia ser importante reconhecer o fato de que os bolcheviques ainda eram minoria nos soviets. Para ganhar as massas para suas posições era preciso explicar a elas, exaustivamente, até convencê-las, que a única forma de governo que atenderia às suas reivindicações eram os soviets; tese 5: depois da experiência dos soviets, amplamente apoiados pelo povo, não era possível retroceder e apoiar uma república parlamentar burguesa; tese 6: no campo, era preciso organizar soviets e tomar as terras, confiscá-las e nacionalizá-las; tese 7: promover a fusão imediata de todos os bancos do país num banco nacional único; tese 8: embora a implantação do socialismo não fosse tarefa imediata, era preciso passar imediatamente a controlar a produção e a distribuição dos produtos; tese 9: era necessária a convocação urgente de um congresso do partido, dada a necessidade de mudar seu programa, já superado; era preciso também discutir as questões relativas ao imperialismo, à guerra e analisar o papel do Estado, afirmando a reivindicação bolchevique do estado-comuna; tese 10: finalmente, Lenin mostrava a importância de se organizar uma nova internacional. (LENIN, 1975, pp. 35-38)

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

DE FEVEREIRO A OUTUBRO

A situação da Rússia era de uma nunca vista mobilização política, que nos meses de junho a outubro foi se radicalizando. Kerenski, então ministro da Guerra, resolveu desencadear uma ofensiva militar, que fracassou, o que provocou maiores agitações. Tais agitações deram a Kerenski um pretexto para atacar os bolcheviques: proibiu seus jornais, fechou suas sedes e começou a perseguição a seus líderes, alguns sendo presos. Lenin exilou-se na Finlândia. No final de julho, Kerenski formou um novo governo, pretendendo consolidar-se no poder e manter a guerra.

Com uma grande desvalorização do rublo muitas fábricas foram fechadas, aumentando ainda mais o desemprego e a fome. Ia ficando claro para os trabalhadores que tinham razão os bolcheviques, ao propor o controle operário, e os partidários de Lenin foram ganhando apoio. Os camponeses se organizavam e tomavam as terras, aliando-se também aos bolcheviques, os únicos que consequentemente defendiam sua causa.

Nessa conturbada situação, apavorados com a mobilização popular, industriais e generais de direita resolveram se unir para depor o governo provisório que consideravam incapaz de controlar a situação. A 25 de agosto o general Lavr Kornilov tentou um golpe de estado, frustrado pela ação dos revolucionários. Os soviets se mobilizaram e os marinheiros de Kronstadt seguiram para Petersburgo, obrigando os conservadores a recuar.

Os bolcheviques passaram a ter a maioria nos soviets, e ao mesmo tempo em que se intensificaram as ocupações de fábricas e de terras aumentavam muito as deserções no Exército.

VÉSPERAS DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

No último dia de agosto o Soviet de Petrogrado votou a resolução apresentada pelos bolcheviques de que todo o poder fosse entregue aos soviets. A partir desse momento, o avanço revolucionário foi crescendo. A 23 de outubro, Trotski (Lev Bronstein) foi eleito presidente do Soviet de Petrogrado.

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

Com o apoio dos bolcheviques de Moscou, que eram pela insurreição, Trotski conseguiu aprovar a formação de um comitê militar revolucionário, de onde sairia o estado-maior da revolução, isso no dia 9 de outubro. Trotski foi também nomeado para comandante da fortaleza Pedro e Paulo, que estava indecisa. No dia 11 começaram a chegar delegados bolcheviques ao II Congresso e foram convocados a Petrogrado. As rádios da Marinha foram colocadas a serviço dos bolcheviques. (BROUÉ, 2014, pp. 95-96)

No dia 16, reuniu-se o comitê central bolchevique ampliado. Grigori Zinoviev, que era contrário à tomada do poder, propôs que se esperasse a manifestação do congresso dos soviets para se determinar a tomada do poder, mas e sua proposta foi derrotada: 19 votos contra dois e quatro abstenções. Lev Kamenev, que também era contrário à insurreição, renunciou ao comitê central e Alecssei Ríkov, também contrário ao avanço revolucionário, declarou:

A julgar pela situação de conjunto e pelo nível pequeno-burguês da Rússia, a iniciativa da revolução socialista não nos pertence. Não contamos com forças suficientes nem com as necessárias condições objetivas. Nos é colocado o problema da revolução proletária, mas não devemos superestimar nossas forças. Diante de nós se apresentam gigantescas tarefas revolucionárias, mas sua realização não nos levará além do âmbito do sistema democrático-burguês. (CF. BOUÉ, 2014, p. 86)

Apesar de terem sido contra o desencadeamento da insurreição, Ricov, Zínoviev e Kamenev participaram ativamente da revolução.

No dia 22 de outubro a tripulação bolchevique do cruzador Aurora, desobedecendo as ordens do governo provisório para levantar âncoras, manteve o navio atracado. A 23, representantes de todas as unidades militares, divulgaram um documento em que afirmavam não reconhecer a autoridade do governo provisório e a 24 houve distribuição de armas nos quartéis a todos os destacamentos operários. À tarde os marinheiros de Kronstadt chegam a Petrogrado e do Smolni, sede do Soviet

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

de Petrogrado, partiram destacamentos para ocupar pontos estratégicos da cidade. Na madrugada do dia 25 de outubro (7 de novembro no calendário atual) os revolucionários tomaram o Palácio de Inverno, pondo fim ao governo provisório sem, praticamente, derramamento de sangue. O governo fugiu, deixando apenas um batalhão de mulheres na guarda do palácio. Não houve resistência.

Reunido na tarde do mesmo dia, o II Congresso dos Sovietes de Operários e Soldados e Marinheiros de toda a Rússia aprovou por sua imensa maioria, a insurreição e votou seus primeiros decretos – paz, pão e terra. Quando chegaram ao congresso as notícias da tomada do Palácio de Inverno e de que as tropas enviadas por Kerenski para combater os revolucionários se passaram para a insurreição, a ala direita dos social revolucionários e os mencheviques abandonaram a sala.

OS PRIMEIROS DECRETOS

Os decretos sobre a paz, a terra e a questão das nacionalidades consolidaram a liderança bolchevique nas bases populares. Mas as opiniões sobre o caráter da revolução continuaram a não ter unanimidade entre os dirigentes revolucionários e aqueles que foram vendo derrotadas suas posições não só se afastaram da luta como propunham organizar-se contra os bolcheviques. Dos mencheviques, apenas os internacionalistas continuaram a colaborar com os bolcheviques, assim como os anarquistas.

O processo de discussão e convencimento sobre os rumos revolucionários foi intenso e riquíssimo. Foram centenas de reuniões de comitês, assembleias de operários, camponeses e soldados, por todo o país. John Reed immortalizou esses momentos. O comissário do povo para a Guerra, o bolchevique Nicolay Krilenko, participou de um violento debate no regimento motorizado de metralhadoras do Exército, onde falou, com a voz rouca de cansaço:

Camaradas, soldados. Quase não posso falar. Sinto muito, mas há quatro noites que não durmo. Não preciso dizer-lhes que também

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

sou soldado. Do mesmo modo não preciso afirmar que desejo a paz. O que lhes quero dizer, companheiros, é que o Partido Bolchevique, conduzindo a revolução vitoriosa dos operários e soldados, com o apoio de todos nós, os bravos camaradas que derrubaram para sempre o poder da sanguinária burguesia, prometeu propor a paz e hoje mesmo cumpriu essa promessa (uma tempestade de aplausos). Pedem-lhes agora que fiquem indiferentes, enquanto os *junkers* e os Batalhões da Morte, que nunca ficarão neutros, estão nos fuzilando nas ruas e apoiando a marcha de Kerenski e de outros de sua laia sobre Petrogrado. (...) Todos esses mencheviques e socialistas revolucionários, que lhes insinuavam para ficar neutros, como conseguiram manter-se no poder de julho em diante? Não foi pela guerra civil, na qual sempre se colocaram ao lado da burguesia, como ainda o fazem? (...) A questão é bem simples. De um lado estão Kerenski, Kaledine, Kornilov, os mencheviques, os socialistas revolucionários, os *cadets* e a Duma, dizendo a todo o instante que as suas intenções são as melhores possíveis. Do outro, estão os operários, os soldados, os marinheiros, os camponeses pobres... O governo está em nossas mãos. Sois os donos. A imensa Rússia vos pertence. Dar-lhe-eis as costas? (REED, 1963, pp. 156-157)

Quando passou-se à votação, em que os que aprovavam as propostas bolcheviques deveriam posicionar-se à esquerda, centenas de soldados para lá se dirigiram. Continua John Reed:

Imagine-se essa luta em todos os quartéis da cidade, de todos os distritos, em toda a frente, na Rússia inteira. Imagine-se, em todos os quartéis, os Krilenkos, caindo de cansaço, correndo de um lugar para outro, discutindo, ameaçando, suplicando. Imagine-se, finalmente, as mesmas cenas em todos os sindicatos, nas fábricas, nas aldeias, em todos os navios da esquadra espalhados pelos mais longínquos mares. Imagine-se, em todo o país, centenas de milhares de russos, operários, camponeses, soldados e marinheiros, com os olhos cravados nos oradores, esforçando-se intensamente para compreender e em seguida resolver, pensando com todas as suas forças... para, afinal, com a mesma unanimidade, tomarem idêntica decisão. Eis o que foi a Revolução Russa. (REED, 1963, p. 98)

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

De fato, nenhum argumento é mais eficaz, na hora de desmentir abertamente a lenda do partido bolchevique monolítico e burocratizado do que o relato das lutas políticas, dos conflitos ideológicos, das indisciplinas públicas que, definitivamente, nunca foram punidas. Eram as massas revolucionárias que sancionavam as decisões que, por sua vez, sua iniciativa tinha sugerido. (BROUÉ, 2014, p. 101). As dificuldades eram imensas, proporcionais aos feitos revolucionários.

Lenin e tantos outros esperavam por uma revolução nos países mais avançados, revolução que não ocorreu. Lenin dizia sobre a ocorrência da revolução socialista na Rússia:

Não foi a nossa vontade, mas as circunstâncias históricas, a herança do regime czarista e a debilidade da burguesia russa, as causas de que nosso destacamento tenha se antecipado aos outros destacamentos do proletariado industrial. Não queríamos, foram as circunstâncias que nos impuseram. Mas devemos permanecer em nosso posto até que nosso aliado, o proletariado internacional nos acuda (LENIN, 1961, p. 395)

O líder bolchevique conclamava os operários e camponeses a manterem-se unidos: “Lembrem-se que na atualidade são vocês mesmos que dirigem o Estado: ninguém os ajudará se não permanecerem unidos, impondo-se em todos os assuntos do Estado” (LENIN, 1961, p. 311). E deixava clara a perspectiva dos bolcheviques sobre a democracia revolucionária:

Os sovietes locais podem, segundo as condições de lugar e tempo, modificar, expandir e completar os princípios básicos estabelecidos pelo governo. A iniciativa criadora das massas: este é o fator fundamental da nova sociedade (...) O socialismo não é o resultado de decretos vindos de cima. O automatismo administrativo e burocrático é estranho a seu espírito, o socialismo vivo, criador, é obra das próprias massas populares! (LENIN, 1961, p. 300)

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

Aos que veem de forma deturpada a posição dos bolcheviques, diz Pier Broué,

Se, anos mais tarde, os soviets acabaram reduzidos a uma mera casca vazia perante o todo-poderoso aparato bolchevique, será porque, fundamentalmente, na época em que os soviets ainda eram organismos vivos, o partido bolchevique foi o único a defender seu poder, enquanto os mencheviques e os socialistas revolucionários, leais oponentes ou colaboradores da república burguesa, se negaram a desempenhar seu papel na República Soviética dos Conselhos de Operários, Camponeses e Soldados. (BROUÉ, 2014, p. 112)

A GUERRA CIVIL

Em maio de 1918 começou a guerra civil. Pelo oeste os brancos ocuparam Cheliabinsk e Omsk até o Volga Central. Os aliados, por seu lado, iniciaram a intervenção: tropas anglo-francesas desembarcam em Murmansk e depois em Arkangel. Guerrilheiros ucranianos combatiam os alemães na Ucrânia quando os aliados desembarcam em Vladivostok. No sul, o general monarquista Anton Denikin mobilizou um exército de voluntários e em novembro o almirante Alecsandre Kolchak assumiu o comando dos contra revolucionários. Tropas francesas desembarcaram em Odessa e ocuparam o sul da Ucrânia e a Criméia e os ingleses o Cáucaso, Kuban e o leste do Don. No início de 1919, os soviéticos estavam cercados.

Os aliados decidiram, divididos quanto à ofensiva, fornecer armas aos contrarrevolucionários e abandonar o campo de batalha. A luta continuou. Em maio de 1919, Kolchak chegou aos Urais; Denikin tomou o sul; Nikolai Yudenich desceu da Estônia e ameaçou Petrogrado, castigada pela fome e uma epidemia de tifo, chegando a 15 km da cidade. Trotsky conseguiu derrotá-lo e, pouco depois, o 5º Exército Vermelho expulsou Kolchak de Omsk, destruindo completamente o exército branco em janeiro de 1920. Kolchak foi preso e fuzilado, mas o barão Piotr Wrangel – Peter Von Wrangel, nobre czarista, ainda conseguiu reunir restos do exército de Denikin e atacar a Ucrânia, sendo derrotado em novembro de 1920, o que, para alguns, pôs fim

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

à guerra civil. Outros consideram o fim da guerra mais tarde, pois bandos armados ainda continuaram a percorrer o país.

Há muitas críticas à Revolução de Outubro que carecem de historicidade, que não levam em conta o que foi a guerra civil. As descrições desse período chegam a ser dantescas, do número de mortos ao recurso ao canibalismo: miséria, fome, epidemias de cólera e tifo e ainda a grande seca que assolou parte do país.

Devemos levar em conta também a violência inaudita que se apossara da sociedade, reprimida há séculos pela brutalidade czarista. Para dar exemplos do ódio que os camponeses tinham por seus opressores, “em Rostow no Don, no final de janeiro de 1918, os soldados abateram cerca de 3.400 oficiais e, alguns dias depois aproximadamente 2 mil em Novocherkassk”. (MARIE, 2017, p. 16) “Em Sebastopol, pouco mais tarde, marinheiros enfurecidos cortaram a genitália e as mãos de várias centenas de oficiais suspeitos de terem pertencido, em 1905-1906, às cortes marciais que enviaram à força dezenas de marinheiros revoltados” (MARIE, 2017, p. 15). A violência da guerra era potencializada pela violência popular.

A fome era um dos principais inimigos do povo. No final de abril de 1918 a população faminta de Novgorod atacou o *soviet* local, que decretou estado de sítio. Vários telegramas que chegavam a Moscou foram reunidos por Trotski: no dia 21 de maio, a população faminta de Pavlov-Possad não sabe onde encontrar comida. No dia 31, em Nijni Novgorod, 30% dos operários não podem trabalhar por causa da fome. De Serguei-Possad escrevem: “Deem-nos pão ou morreremos”. De Briansk, a 30 de maio, comunicam que a mortalidade era enorme, sobretudo de crianças. A 2 de junho avisam que em Klin há duas semanas que não havia o que comer. A 3 de junho, de Dorogobuj comunicam a fome e epidemias. (MARIE, 2017, p. 64) A fome levava a que em muitos lugares os bolcheviques no governo fossem responsabilizados e corriam *slogans* como “soviets sem comunistas”, o que fez com que em Blesk, perto de Smolensk, a população fuzilasse todo o *soviet* da cidade. (MARIE, 2017, p. 64)

Ao mesmo tempo que cercado pela Entente e pelos exércitos Brancos e os cossacos seus aliados, grupos que haviam apoiado a revolução agora se desligavam

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

dela, como o caso dos social-revolucionários e de grupos anarquistas, estes em busca de “democratizar” os sovietes. Em Samara-Oremburg, no dia 17 de maio de 1918, um destacamento de marinheiros anarquistas derrubou o soviet de Samara, que acabou, com seu liberalismo, a abrir caminho para ser dirigido por socialistas revolucionários e guardas brancos. (LENIN, 1962, p. 192) Isso aconteceria em todo o país, caso a consigna “sovietes sem bolcheviques” tivesse sido vitoriosa. Felizmente a revolução se manteve.

A pretexto de não concordar com o Tratado de Brest-Litovski, os social-revolucionários de esquerda se rebelaram, pedindo a anulação do tratado e a continuação da guerra com a Alemanha, enquanto que os de direita organizaram, em julho de 1918, levantes em Tambow e em Ekaterinburg.

As cenas da guerra civil são dantescas. Muitas vezes, quando se teoriza sobre aqueles anos, a situação dramática vivida pelo povo russo é deixada de lado, num pingue-pongue de conceitos desgarrados sobre “democracia” e “autoritarismo”. A Tcheca (Comissão Extraordinária de Luta Contra a Sabotagem e a Contrarrevolução) foi criada a 7 de dezembro de 1917, depois que funcionários do banco estatal se negaram a fornecer dinheiro aos bolcheviques – os funcionários do novo governo ficaram sem salários enquanto que os do antigo regime eram pagos. A comissão era dirigida por Felix Dzerjinski e os cinco participantes de seu colegiado não eram bolcheviques e sim social-revolucionários. (MARIE, 2017, p. 33)³

Dentro da Rússia lutavam não só vermelhos contra os brancos, mas também os chamados verdes, que não se alinhavam com nenhum dos lados, embora às vezes apoiassem um lado ou outro. Jean-Jacques Marie, citando pesquisas atuais, escreve:

Esses exércitos verdes, locais ou regionais vão de pequenos destacamentos volantes de 500 a 600 homens até verdadeiras divisões armadas de canhões e metralhadoras: a divisão de Grigoriev reúne 15 mil homens; o exército de Macknó, na Ucrânia, de 25 a 30

³ Em russo, *Tcherezvitcháinaia comissão* – comissão de emergência. Alguns desavisados a confundem com a NKVD (*narodni commissariat vnutrenni del*) - Comissariado do povo para assuntos internos, criada em julho de 1934, no período de crescimento do terror stalinista.

mil e chega a ter, em 1919, mais de 50 mil homens; o de Tambov, comandado por Antonov varia de 18 a 40 mil, conforme o período. O “exército popular” da Sibéria ocidental reúne cerca de 100 mil, em 1921 e obedece, assim como o de Antonov, a comandantes diversos, ciosos de sua autoridade local e obstinados em defender suas prerrogativas e títulos. (MARIE, 2017, p. 18)

Foram milhões de mortos e o poder soviético estava ainda longe de se ter consolidado. Jean-Jacques Marie, que faz um relato detalhado da guerra civil, diz não pretender esgotar o assunto, mas,

Por meio de depoimentos e documentos de diversos protagonistas, fornecer uma imagem verdadeira da guerra, reconstituir alguns de seus acontecimentos essenciais e restituir a atmosfera de uma guerra civil, caleidoscópio de cargas de cavalaria com sabre em punho, trens blindados, salvas de canhão, execução de reféns e de prisioneiros, em meio à pilhagem, fome, frio, cólera e tifo, que arrasam cidades e vilarejos e dizimam os exércitos, sem contar a gripe espanhola que se abateu sobre a Europa a partir da primavera de 1917 e deixou milhões de mortos. (MARIE, 2017, p. 20)

O COMUNISMO DE GUERRA E O FIM DA GUERRA CIVIL

A destruição e a miséria causadas pela guerra civil provocou o chamado comunismo de guerra, que constava principalmente da requisição do excedente no campo, muitas vezes não só o excedente, pois era preciso sustentar os exércitos. Salvar a revolução era o principal objetivo. O sofrimento dos camponeses era imenso, pois além das requisições do governo, os exércitos brancos tomavam tudo dos camponeses: além dos produtos, o gado, roupas, utensílios e violava suas mulheres.

Quando os soviéticos conseguiram sair vitoriosos da luta, defrontaram-se com um país arrasado: segundo vários autores, a perda na indústria fora de 80%; no setor de energia e carvão, 70%; na produção de ferro, aço, e açúcar e na exportação a perda foi de 100% e de 50% na produção agrícola. (REIS FILHO, 1987, p. 82)

A fome era constante nas cidades e o povo faminto tinha muitas reivindicações. Tal situação acabou por provocar o levante dos marinheiros de Kronstadt. Era uma situação desesperadora e o inimigo interno e externo aguardava qualquer

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

oportunidade para intervir. Sem que fosse possível chegar a um acordo – e ambas as partes tinham razão – a insurreição foi esmagada. Foram grandes as perdas de ambos os lados, não só de parte dos marinheiros derrotados. Centenas de soldados que lutavam ao lado do governo foram fuzilados ou morreram afogados no gelo, pelo ataque dos marinheiros rebelados.

Também não tinha sido possível sair da guerra sem perdas importantes, e com a assinatura do tratado de Brest-Litovski os social-revolucionários de esquerda se retiraram do governo, do qual os outros social-revolucionários e os mencheviques já tinham saído. “Nenhum destes pensou que diante do regime nascido de outubro pudesse se abrir um futuro de esperanças” (BROUÉ, 2014, p. 103). E não só saíram do governo como começaram a atuar contra os bolcheviques. O próprio Lenin sofreu um atentado por parte da anarquista Fany Kaplan, que considerou a assinatura do tratado uma traição à revolução. Os anarquistas, que tinham sido aliados dos bolcheviques até então, romperam com eles depois da destruição das guerrilhas de Maknó e da repressão aos marinheiros de Kronstad.

O governo não tinha mais opções para se manter: revoltas surgiam no campo e nas fábricas, era preciso dar comida ao povo faminto e, para isso, desafogar a economia, recuar para poder avançar. Foi o período da Nova Política Econômica (NEP), que liberalizou o comércio e permitiu a pequena propriedade no campo e também na cidade.

A luta por manter a revolução foi terrível e ao custo de milhões de vidas, o que debilitou a sociedade, a classe operária e o partido. Lenin deu-se conta da situação, mas não teve forças físicas para fazer prevalecer suas posições, numa luta que travou desde seu primeiro derrame em 1922, até sua morte em janeiro de 1924.

Em março de 1919, por iniciativa de Lenin e com ativa participação de Trotski, foi fundada a III Internacional, a Internacional Comunista. Em seu IV Congresso, em novembro de 1922 – o último do qual participou –, Lenin terminou seu discurso falando da importância de se estudar, estudar sempre. Dirigindo-se aos delegados estrangeiros, alertou-os sobre a necessidade de entender a situação russa em que se

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

deu e se desenvolvia a revolução e não “colocá-la num canto e rezar diante dela (LENIN, 1961, p. 746)

O período da contrarrevolução stalinista que se seguiu à morte de Lenin, especialmente a partir do final dos anos 1920, início dos de 1930, foi um período de abastardamento do marxismo e de destruição física dos quadros partidários bolcheviques que fizeram a Revolução. Mas é um período que foge a nosso tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AVRICH, Paul. *La tragédie du Cronstadt, 1921*. Paris: Ed. du Seuil, 1975.

BROUÉ, Pierre. *O partido bolchevique*. Tradução de Paula Maffei e Ricardo Alves. São Paulo: Sundermann, 2014

CARR, E. H. *A Revolução Russa de Lenin a Stalin (1917-1929)*. Tradução de Waltensir Dutra Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky, O profeta armado*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FONTANA, Josep. *El siglo de La revolución. Uma historia del mundo desde 1914*. Barcelona: Crítica, 2017.

HILL, Christopher. *Lenin e a Revolução Russa, 2ª. ed.* Tradução de Geir Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

LENIN, Vladimir Ilitch. *Oeuvre*, Paris: Éditions Sociales/Moscou: Édition du Progré, 1961.

_____. *Obras Escogidas*, volume 2. Moscou: Editorial Progreso, 1975.

_____. *Discurso pronunciado en la reunion conjunta del comité ejecutivo central de toda Russia, del soviet de Moscu, de lós comités fabriles y de los sindicatos de Moscou em el 29 de julio de 1918*. In: *Obras Escogidas*, volume 2. Moscou: Editorial Progreso, 1975

MONTEFIORI, Simon Sebag. *Os Romanov – 1613-1918*. Trad. de Claudio Carina, Denise Bottmann, Donaldson M. Garschagen, Renata Guerra e Rogério W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

REED, John. *10 dias que abalaram o mundo*. Tradução de Armando Gimenez. São Paulo: Fulgor, 1963.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma revolução perdida*. São Paulo: Perseu Abramo, 1997.

_____. *As revoluções russa e o socialismo soviético*. São Paulo: UNESP, 2003.

Recebido em 16/12/2017

Aprovado em 30/01/2018